MERCÚRIO

Animação – 5 minutos

## 

# Roteiro e direção: Sávio Leite

## Trilha sonora: Pex BaA

Apresentação

Curta metragem de animação – 5 minutos - digital, utilizando a técnica desenho sobre papel, ambientado na Praça da Igreja da Boa Viagem, espaço publico referencial da cidade de Belo Horizonte.

OBJETIVOS

O objetivo é, através deste filme experimental, utilizar recursos audiovisuais proporcionados pela técnica da animação, para trabalhar com o registro de memória coletiva e do patrimônio histórico da cidade de Belo Horizonte, utilizando como cenário, a praça da Igreja da Boa Viagem – Ponto turístico, cartão-postal - referencia simbólica para a cidade.

O local recebeu este nome em homenagem ao bandeirante Francisco Homem Del Rey, que integrava a comitiva do comandante Luís de Figueiredo Monterroio, cujo navio aportou no Rio de Janeiro em 1709, sob a guarda de uma imagem de Nossa Senhora da Boa Viagem. Atraído pela notícia do ouro, Francisco Homem Del Rey retirou do navio onde a imagem da santa padroeira e veio dar em terras mineiras, fixando moradia numa fazenda pertencente á sesmaria de Manuel Borba Gato. De um pequeno curral, esta fazenda prosperou dando origem a um povoado, que cresceu sob a proteção de Nossa Senhora da Boa Viagem. A antiga imagem da virgem, trazidas pelos bandeirantes num navio atravessou o tempo e foi parar na Catedral da Boa Viagem, construída no mesmo local onde foi instalada a primeira capela do antigo arraial.

JUSTIFICATIVA

Este projeto dá prosseguimento à série “Cidade Animada”, cujo primeiro filme de animação “O Vento” (9´-35mm- 2004), realizado com os benefícios da Lei Municipal de Incentivo a Cultura de Belo Horizonte, foi indicado para a Academia Brasileira de Cinema, recebeu o prêmio de Melhor Filme de Animação no Festival do Audiovisual CINE PE em Recife e exibidos em mostras e festivais nacionais e internacionais.

A intenção é realizar uma série de animações, ao longo do tempo,ambientadas em pontos de referencia simbólica da cidade de Belo Horizonte construindo assim um acervo de imagens sobre o seu patrimônio histórico contemporâneo.

Mesmo sendo ambientado em uma cidade especifica, essa história poderia acontecer em qualquer parte do mundo devido à universalidade do tema proposto. Mostrar ao mundo outros cartões-postais que não estamos acostumados a ver. Elegendo o que há de mais relevante na cidade de Belo Horizonte (Praça Duque de Caxias, Praça da Igreja da Boa Viagem), estes pequenos filmes acabam funcionando como um espelho mágico que reflete as maravilhas de determinado lugar.

É a proposta deste pequeno filme aprofundar a pesquisa e a experimentação através da animação, iniciada depois de cursar por dois anos uma oficina de criação de roteiros infanto- juvenis na Escola de Belas Artes da UFMG, tendorealizado desde então: MIRMIDÕES (2001), Prêmio Melhores da 5ª Mostra de Cinema de Tiradentes; MARTE(2003), Prêmios de Melhor Vídeo de Animação na 5ª Mostra de Vídeos do Mercosul/SC e Melhor Animação na 3ª Mostra Curta Minas/MG; Plutão (2004, Prêmios de Melhor Animação Cine Esquema Novo – Festival de Cinema de Porto Alegre, Menção Honrosa no 4º Goiânia Mostra Curtas e 2º Lugar em Animação no 12º Festival Nacional de Vídeo de Teresina.

Por possibilitar infinitas formas de criação, a animação permite trabalhar ficções que aparentemente seriam impossíveis de acontecer na realidade. Utilizando técnicas experimentais da animação o espectador vivenciará a memória de Belo Horizonte através do delírio de um homem solitário que penetra a fronteira do sonho e da realidade.

**SINOPSE:**

Estranhos fenômenos acontecem com um rapaz numa praça de Belo Horizonte. Um homem na fronteira entre o sonho e a realidade.

**ARGUMENTO:**

1 - Era distraído o rapaz. Andou perambulando pelo dia afora, revelou filmes, fumou cigarros.Estava para resolver coisas do tipo pagar contas e despachar coisas pelo correio. Era uma tarde de um azul parnasiano, cigarras gritavam nos coqueiros.

Murilo Carlos achou que deveria rever aquele ângulo tão bonito da praça que se enquadrava direitinho naquela sua estória ainda no roteiro.Tomou um café, fumou um cigarro antes de sair para a rua.

2 - A praça era quadrada, quase um largo. Tinha palmeiras, camélias, ipês.Passavam namorados, desocupados e estudantes. Crianças espantavam pardais. Murilo Carlos foi até onde algo o chamou. Desconcertado, pára no meio da praça: olha esquina, olha canteiros, céu, pernas das meninas. Passa boi – passa boiada...

3 - Foi até a esquina, comprou picolé, andou na lateral da praça, Sentou num banco simpático e refrescante – era ali que iria ver ângulos óticos, visuais certeiros. Quando vira a cabeça para o lado direito, vê, a poucos metros de onde estava sentado, um monte de coisa reluzente e dourada que se mexia e mexia. Seus olhos secos de oblíquos temores fixaram-se naquela coisa reluzente que ia intensificando o dourado.

Piscou os olhos, balançou a cabeça: quê que era aquilo?

O monte foi se movimentando, se movimentando e esparsando partículas: eram escaravelhos dourados, muitos.Murilo Carlos pensa em levantar daquele banco e ver o que era mesmo aquilo. Hesitou. Foi ficando entorpecido pela lisérgica cor que estava sendo uma festa para os seus olhos.

4 - Quando é fé, o monte se desmanchou e aquelas partículas reluzentes voaram por perto e se apossaram de seu cabelo, ouvidos, nuca, cabeça interia. Fizeram um monte reluzente dourado, deixando só os olhos de fora. Empipocaram a cabeça do rapaz!

Não mordiam. Só faziam umas cocegazinhas principalmente nas orelhas.Os escaravelhos loucos começaram a cantar aquela musiquinha:“Xô xuá, cada macaco no seu galho; xô xuá, eu não me canso de falar...”

Espantado com aquele parangolé de cabeça sonoro que dava sensações diferentes, olhava para os lados.

A orquestra dos escaravelhos aumentava o volume.Mais e mais.

O rapaz acompanhava o ritmo da musica, com aquela touca na cabeça.

Depois de alguns minutos, as partículas douradas voaram nuvens acima, desaparecendo no azul parnasiano...

Murilo Carlos ficou assim no ar e resolveu sair daquele banco. A experiência foi inusitada.

5 - Sentou em um outro banco do outro lado da praça.

Teria sido aquilo real ou estavam delirando seus olhos e sentidos? Distraiu-se olhando transeuntes daquela tarde. Acendeu um cigarro.

Havia um certo descambar de luz. A praça tinha uma graça.

Seus olhos rodearam o espaço envolvente nos cromos de flores no canteiro da terra fresca ao lado, desdobrando sua vista.

Observa com atenção voadora certa extensão de terra no canteiro que abrigava aquelas flores.

Algo o absorve e lentamente percebe uma coisa estranha sobre a terra. Era coisa que tinha luz interna, própria. E a coisa espiava como quem olha...

Não resistindo à curiosidade daquilo, levantou do banco, entranhou no canteiro e foi conferir.

Aproximou-se. Num piscar de olhos, tudo embriagou! Não acreditou no que estaca vendo – não podia ser verdade.

6 - A coisa era um par de olhos rútilos, que olhavam para todas as direções, principalmente para ele. Não eram olhos de cão andaluz – eram reais: dois olhos vivos sobre a terra daquele canteiro – era ali que eles viviam, que tinham no mundo o seu lugar assegurado. Olhos vivos que farejavam tudo, olhos vivos, sem rosto, sem suporte humano ou animal – olhos constituídos de esclerótica, coróide e retina, revestidos pela membrana plasmática da natureza córnea e com humores aquosos e vítreos e cristalinos.

O rapaz, embasbacado do tamanho absurdo, murmurou em voz alta: que mistério é esse? – é do peso de Deus!

7 - Depois de turvos contatos, voltou ao banco onde estava sentado. Os olhos continuaram a olhar e olhar Murilo Carlos: se comunicaram e exprimiram inquietantes silêncios.

A tarde rolava na extensão da grandeza do céu e dos movimentos dos olhos.

Levantou do banco e foi dar uma volta.

Rodeou a praça, comprou amendoim torrado perto de uma banca de revista.

Já queria ir embora: que passeio doido!...

Só para novamente constatar o ângulo que estava espiando, é que resolveu voltar e ir até o meio da praça.

Andou preguiçosamente no espaço largo e a luz desmesurada atravessava a ruminância de seu olhar difuso ainda por aquelas imagens...

8

Subitamente uma espécie de vento vacuoso envolve Murilo Carlos atraindo-o numa lei gravitacional para as profundezas de uma grande cavidade magnética.

A cavidade era vermelha de tecidos conjuntivos desmembrados e gelatinosos possuindo muitos braços internos que flutuavam livremente saindo das paredes da cavidade.

Estes braços eram celenterados, marginados por tentáculos e havia uma boca que ficava situada na área saliente da superfície côncava do grande buraco vermelho.

Os braços emaranharam o rapaz, envolvendo-o por inteiro, num festim licencioso.

No começar da emaranhação, sentia repulsa de uma baba gelatinosa que deixava rastros em seu corpo. Depois aqueles braços flutuantes, úmidos e peludos foram ficando adoráveis...

Os celenterados foram se recolhendo, se livrando dele que, perplexo, percebia o envolvimento daquela vacuosidade magnética.

Não mais que um segundo, a grande cavidade foi se metamorfeseando e surgiram outros tentáculos e uma imensa boca que o devora, engolindo-o inteirinho.

9

Murilo Carlos desperta de um profundo sono aquoso. Espreguiça, alonga os olhos e vê que novamente é pura claridade...

Hoje mesmo iria continuar aquela historia ainda no roteiro.

ROTEIRO

# SEQUENCIA 01 – Exterior – dia – Praça

01 - Tomada do alto em perspectiva da praça, explorando seus quatro cantos.

Narração: Era distraído o rapaz. Andou perambulando pelo dia afora, revelou filmes, fumou cigarros. Estava para resolver coisas do tipo pagar contas e despachar coisas pelo correio. Era uma tarde de um azul parnasiano, cigarras gritavam nos coqueiros.

02 - O Personagem (Murilo Carlos) anda pela praça fumando seu cigarro.

03 - Em sua direção passam casais de namorados, pessoas desocupadas, estudantes, crianças, cachorros, babás com carinho de nenem, senhoras religiosas. No meio da praça,Murilo Carlos para, olha para um banco, da novamente uma olhada em 360 graus pela praça.

04 - Close dele.

# Narração: Murilo Carlos achou que deveria rever

aquele angulo tão bonito da praça que se

enquadrava direitinho naquela historia

ainda no roteiro. Tomou um café, fumou um

cigarro antes de sair para a rua.

05 - Murilo Carlos vai até a esquina, compra um picolé numa barraca e faz o caminho contrario na praça.

06 - Senta num banco debaixo das enormes árvores do adro da igreja. Quando vira a cabeça para o lado direito, vê na sua frente algo reluzente se mexendo, aos poucos se formando um monte dourado e reluzente que mexe o tempo todo.

07 - Close nos olhos do personagem demonstra terror. O monte reluzente e dourado é visto pelos olhos de Murilo Carlos. Através de seus olhos o monte reluzente e dourado vai aumentando.

Murilo Carlos pisca os olhos.

08 - Em plano americano, Murilo Carlos Balança a cabeça.

09 -Ao lado do banco onde Murilo Carlos está sentado, monte vai se movimentando, aumentando e espraiando muitos escaravelhos dourados que pulam em seu banco, na sua frente e por todos os lados.

10 - Murilo Carlos, sentado, fica sem reação e permanece parado diante da imensidade de escaravelhos dourados.

11 - Os escaravelhos se reúnem formando um monte reluzente.

12 - Murilo Carlos continua sentado e parado.

13 - O monte reluzente se desmancha bruscamente e os escaravelhos voam até Murilo Carlos. Se apoderam de seu cabelo, ouvidos, nuca e a cabeça inteira deixando apenas os olhos dele de fora.

Os escaravelhos começam a cantar:

Canto: “Zuolejux hubpnpok

Pivau umvuu gaedaa

Tinme gblteem lepjivagmu

Ceaniv sir jape

Ohooooo sou gpoeu vegau

Naaaaaa goevjndtru

Nulilduo edil cuem tuaduzenmukolgag

Nicboltemudenzuzurul zemdacmitin ma

Vugbientsana rulguem tudiem

Bialtneum...” ( o volume aumenta mais e

mais)

14 - Murilo Carlos em gestos repetitivos acompanha o ritmo da música.

15 - Depois de alguns minutos, as partículas voam nuvens acima, desaparecendo no azul do céu.

16 - Murilo Carlos fica sem reação, sentado no banco, meio bobo.

17 - Levanta cambaleando.

18 -Atravessa em diagonal e vai sentar no banco da frente.

( A música continua zunindo nos seus ouvidos)

19 - Murilo Carlos balança a cabeça, acende um cigarro.

Fica olhando para o jardim em frente, as imensas arvores centenárias com suas enormes raízes saindo da terra.

20 - Em cima de uma enorme raiz algo começa a se mexer no meio do jardim. Imitia uma estranha luz.

21 - Murilo Carlos levanta do banco e vai ate aquilo que ele não conseguia identificar.

22 - Close do rosto de Murilo Carlos. Pisca de olhos. Olhar de terror.

23 - Em cima da raiz da arvores há dois olhos vivos olhando para todas as direções.

24 - Murilo Carlos solta um enorme grito.

25 - Volta de costas ao banco em que estava sentado.

26 - Os olhos continuaram o olhar o personagem como espião.

27 - Murilo Carlos levanta do banco e vai dar uma volta.

28 - Caminha em círculos pela praça.

29 -Compra amendoim numa esquina ao lado de uma banca de revista.

30 - Volta até o meio da praça e fica andando em circulo.

31 - Subitamente uma espécie de vento vacuoso envolve Murilo Carlos atraindo-o numa lei gravitacional para dentro das profundezas de uma grande cavidade magnética que se abre em forma de um buraco onde Murilo Carlos está.

Fade.

SEQUENCIA 02 – Interior – CAVIDADE VERMELHA

32 - Murilo Carlos está dentro de uma cavidade vermelha(em forma de um grande monstro) de tecidos conjuntivos desmembrados e gelatinosos possuindo muitos braços internos que ficam flutuando livremente saindo das paredes da cavidade.

Estes braços são celenterados, marginados por tentáculos e uma boca que fica situada na área saliente da superfície côncava do grande buraco vermelho.

33 - Os braços emaranham Murilo Carlos, deixando uma bába gelatinosa que deixa rastros em seu corpo. Depois aqueles braços envolvem-o por inteiro.

Murilo Carlos demonstra gostar desse envolvimento.

De repente, a grande cavidade vai se metamorfoseando surgindo outros tentáculos e uma imensa boca que o devora, engolindo-o inteirinho. Fade.

SEQUENCIA 03 – Exterior – PRAÇA / BANCO

34 - É expulso da cavidade e quando abre os olhos esta sentado no mesmo banco debaixo das árvores.

35 - Esfrega bem os olhos, Olha para o lado e viu outra pessoa sentada.

36 - Arregala bem os olhos indecisos, tenta se levantar, não consegue, fica colado no banco, faz movimentos ríspidos com a cabeça, com os braços.

37 - A pessoa ao seu lado começa a assobiar uma musica, aos poucos ele vai se deixando levar pela melodia

(a mesma musica dos escaravelhos).

38 - Murilo Carlos chega mais perto do outro, o outro vira-se e ele depara consigo mesmo, alguns anos mais velho.

39 - O outro tem um estupor. Um era o arremedo caricatural do outro. A situação era anormal demais para durar muito tempo.

40 - Murilo Carlos sai correndo e chega pingando suor na porta de sua casa.

41 - Abre a porta, vai ate a cama, deita na cama sem tirar a roupa e dorme profundamente. Fade.

SEQUENCIA 04 – Exterior – PRAÇAS

Narração: A partir desse dia, fazendo calor, chovendo ou em dias de muito frio Murilo Carlos voltava a praça no mesmo horário e se sentava sempre no mesmo banco a espera de um novo encontro atroz consigo mesmo.

42 - Cenas do personagem em fast foward voltando a praça diversas vezes. O cenário vai mudando a medida que muda as estações do ano.

FIM